

# O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redação, administração, composição e impressão

Tipografia Democratica, Rua 1.ª de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis = COMUNICADOS E ANUNCIOS: — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

## Nós e o congresso geral de Aveiro

Fala-se, muito naturalmente e orgulhosamente, no congresso geral ordinario do Partido Republicano, que se realiza em Aveiro, nos proximos dias 5, 6 e 7 de abril. Este congresso, que reune por direito proprio, está hoje despertando as atenções de todo o paiz, não só dos velhos e convictos republicanos, que nessa convergencia de forças democraticas prevêem grandes melhorias para a nacionalidade portugueza, mas até dos proprios adversarios políticos, entre os quaes se tem admirado a insistencia do trabalho e boa vontade que presidem á glorificação e progresso dos velhos ideaes republicanos.

Não sabemos quaes os problemas ou assuntos que por ventura vão ser discutidos e aprovados, no congresso de Aveiro, nem tampouco sabemos quaes são as coletividades que nele se fazem representar.

Mas estamos em crer que nesta deliciosa provincia do Algarve, ninguém toma sobre si o encargo de deixar a tranquillidade da sua vida particular, para a substituir por noites mal passadas e dias mal vividos, numa visita dispendiosa ao teatro do congresso, onde por ventura fosse apresentar as suas opiniões ou expender doutrinas alheias perante os grandes homens da Republica; e assim, quasi nos convençamos de que nenhuma coletividade republicana do Algarve se fará representar no congresso de 1913.

E porque? O leitor certamente não desconhece os trabalhos, as canceiras, os profundos desgostos, as inimizades e sacrificios que foram absolutamente necessarios para se formar entre nós o *Partido Democratico*, e por certo não ignora tambem até que ponto foi extraordinaria e carinhosa a maneira como se fez a organização legal deste partido, cujas ideias e principios tão doidamente vulgarizamos de terra em terra, por todos os escaninhos do Algarve, antes de quaesquer outros propagandistas da provincia ou de fora (que jamais ninguém os viu nem conheceu!) e antes mesmo da sua formação estar superiormente sancionada.

Em abril do ano passado, a *grande familia democratica*, representando com altivez e amor os velhos e genuinos principios do glorioso *Partido Republicano coevo da dissolvente monarchia*, realizou em Braga o mais expressivo congresso dos elementos que a constituíam, e desse extraordinario congresso, onde os republicanos, extremamente felizes, bendisseram a convicção que os irmanava, surgiu a lei que nos impoz obrigações e ao mesmo tempo nos concedeu valiosos direitos.

Todos os sinceros republicanos, todos os democraticos portuguezes, ali reunidos ou representados, tomaram o compromisso moral de ser firmes nas suas ideias politicas e no sentimento que os fazia irmãos.

Nunca o Partido Republicano

Portuguez, em tempo algum, permitiu que se duvidasse da legitimidade e da grandeza da sua lei, nunca foi seu intuito menosprezar a arraigada insenção que presidiu á feitura dessa mesma lei.

*Os proprios homens que fatalmente haviam de constituir um governo democratico* sentiram a suprema necessidade e empenharam implicitamente a sua honra em manter o prestígio do *Partido Republicano Portuguez*, respeitando a sua lei organica.

Já neste mesmo jornal dissemos tudo isto, e mal nos podiamos convencer de que, poucos dias depois, a força das circunstancias nos obrigaria a insistir sobre o caso.

Constituido solenemente o grande e prestigioso Partido Republicano Portuguez e votada a sua lei organica, certamente ficou bem radicada no espirito de todos os republicanos e até dos proprios monarchistas, a ideia de que, na vigencia dum governo democratico, o poder constituido teria no mais alto apreço os bons esforços e os salutareos conselhos do partido organizado, e a ninguém passou, mesmo de leve, pelo seu espirito, a ideia aberrática de ver o Partido Republicano Portuguez, feito governo, desprestigiar na mais insignificante coisa, os seus elementos de maior confiança.

Tambem o «Heraldo» já disse estas grandes verdades, no intuito premeditado de salvar a honra dos bons principios e a estabilidade da organização partidaria.

Mas afinal tudo era um sonho, uma triste ilusão que se desfez aos primeiros sinais de vida do governo democratico. A linda e preciosa organização do Partido Republicano Portuguez, tão invejada pelos nossos adversarios politicos, sofreu nas proprias mãos do primeiro governo democratico o maior ultrage e a maior falencia.

E depois de tudo isto, depois de nos terem desiludido, roubando-nos os direitos que tão espontaneamente nos reconheceram no congresso de Braga, ainda as coletividades politicas do nosso distrito pensarão em fazer-se representar no congresso de Aveiro?

Para que? Se foi um sonho todo quanto se fez, é justo que se continue a viver sonhando! Não é!

Abracem-se com amor os principios; defenda-se por toda a parte a Democracia, tal como deve ser, porque a verdade é que nenhuma outra concessões politicas a podem egualar.

Mas... deixemo-nos de perigosas e tristes ilusões, que tão somente podem servir para entrar o entusiasmo e o fervor das nossas crencas, e dar prestígio e força aos adversarios.

Aqui o dizemos, e era isto exactamente o que sobre o caso nos cumpria dizer, se, por mandato de quaesquer entidades politicas do Algarve, pretendessemos assistir e assistissemos ao futuro congresso.

### DR. ESTEVAM DE VASCONCELOS

Cumprimentos ha dias nesta cidade o nosso prestigioso correligionario senador dr. Estevam de Vasconcelos, diretor da *Patria*, um dos mais fervorosos defensores do Partido Democratico.

#### CANÇONEIRO DO POVO

Abre-te janela de ouro,  
Coração, salta cá fora;  
Anda ver o meu amor  
Que já vem, não se demora.

Tudo o que ha triste no mundo  
Tomára que fosse meu,  
Para ver se tudo junto  
Era mais triste do que eu.

Lá vai o rio fugido,  
Ai quem m'o dera agarrar;  
O amor é como o rio,  
Foje e não torna a voltar...

#### NOTAS E COMENTARIOS

##### Conspirando

Camelo Lampreia, aquele refalsado monarchista que, após a proclamação da Republica, fez, perante o sr. Bernardino Machado, ministro dos negocios estrangeiros do governo provisório, os mais solenes protestos de acatamento ao novo regimen, lá anda pelo Brazil, difamando a Republica e cobrindo das mais soezes injurias todos os republicanos.

Dizem que o antigo diplomata do extinto regimen tem tecebido para tal fim avultadas quantias da talassaria di lá.

Repugnante creatura!  
Em vez de camelo ou de lampreia, ele prova á evidencia, que não passa de uma simples e reles minhóca!

##### Um enigma

Mão amiga envia-nos de S. Braz um postal em que, num breve arrazoado, se pretendem estabelecer afinidades fisiologicas entre uma doença chamada vulgarmente *formigo*, que corroe a carne das infelizes victimas a quem ataca, e a vaidade e ingratitude que impulsiona certos peralvilhos que se dizem republicanos por terem andado a... *proclamar* a Republica, recitando loas ao povo, das janelas dos caciques monarchicos.

Como não atingimos a significação de taes referencias, limitamo-nos a registá-las no *Heraldo*, até que o nosso informador nos esclareça melhor.

##### Cá e lá

Referindo-se a um republicano bera, dos muitos que por ahí enxameiam e que o acaso guindou ás congeminencias do parlamentarismo, escreve *O Povo*:

«Do seu republicanismo quasi não devemos falar. E' bem conhecida a forma lezissima por que ele se atirou aos republicanos numa gare de camião de ferro, quando aguardava, ebrio de alegria, a chegada do grande João Franco, ao tempo seu amo e senhor.

Já vem que mais historico só de encomenda.»

Achamos carradas de razão ao *Povo*, mas francamente, se temos de considerar republicano historico um ex-franquista que exhibiu o seu jubilo enquanto numa gare aguardava a chegada do seu *Messias*, o que havemos então de chamar aos inconfundiveis republicanos cá do burgo, que, apesar do seu republicanismo incipiente, não duvidaram arvorar-se em papajantares, e ali estiveram no Leites a mandar os saborosos piteus do banquete politico que o chefe franquista, sr. dr. Virgílio, ofereceu a João Franco?

Pois esses, que jantavam tranquilamente, enquanto cá fora a *canalha* protestava contra o autor da lei de 13 de fevereiro, e contra o ditador do Alcaide, ahi andam impando de vaidade, arrastando a sua insignificancia ao lado de conhecidas marcas, do velho regimen, que a toda a força nos querem convencer do seu republicanismo *sans peur e sans reproche*.

E o peor da festa é que ainda ha incautos que lhes dão tréia e concorrem para um tal exhibicionismo, tão ridiculo como perigoso para os partidos do novo regimen!

### Regedor de S. Braz

Tomou posse do cargo de regedor de S. Braz de Alportel o noso grande amigo é sincero correligionario sr. Antonio Lopes Rosa, homem sensato e inteligente a quem por certo se vai dever uma honesta administração.

Orgulhande-nos com esta boa escolha, damos ao povo de S. Braz as nossas cordaes felicitações.

### Comparando

Dizem-nos que o sr. commissario de policia vai proibir o velho uso do tambor, de que os empresarios costumam servir-se para anunciar os espetaculos de teatro e animatografo.

Talvez, e não seremos nós quem o censure, porque a medida, se não é absolutamente necessaria, é pelo menos indicadora de progresso.

Ha, porem, coisas mais uteis e assás vergonhosas, e uma delas é a maneira estúpida e selvagem como se faz nesta cidade o extermínio dos cães.

Tamboreis de reclamo não os ha só em Faro: veem-se frequentemente no Porto e em Lisboa e noutras grandes cidade da Europa.

O que por lá não temos visto é a repugnante barbaridade de que nesta capital de distrito se faz uso para exterminar os pobres cães vadios, e até os que nunca foram vadios!!!

### O sr. Pimenta

De vez em quando, entre os artigos poetico-romanticos do diretor da *Republica*, tropeja o verbo inflamado do sr. Pimenta, que, naquele *entremex* politico em que se converteu o organ-chefe do *excursionismo*, desempenha o papel de tirano, enjuncto o sr. Antonio José de Almeida continua a exhibir-se, com muita proficiencia e distincção, em *travesti* de ingenua.

### Querem a prova?

Pois saboreiem este bocadinho de oiro da prosa iracunda do aludido sr. Pimenta:

«O sr. Afonso Costa está levando o paiz a uma situação de consequencias graves cujos ultimos resultados não podemos serenamente prever.»

### Para amostra não ha melhor.

E escrevem-se destas coisas, que os mais arrojados monarchistas não ousariam sequer pensar, num jornal que se diz republicano e que tem a dirigi-lo um homem que foi outrora um dos revolucionarios de maior prestígio e que mais devotadamente trabalharam para o advento do novo regimen!

.. Ah! incoerencia, incoerencia, a quanto obrigas!

### Politica de... atração

Esranhou-se que o sr. governador civil, sendo democratico, mandasse para todos os jornaes do distrito, incluindo o *Sul* e a *Provincia do Algarve*, a cartá que publicamos no *Heraldo*.

Os *gracejadores* até dizem que o sr. governador civil, escrevendo no *Sul* e na *Provincia*, chamou correligionarios aos evolucionistas e unionistas... para fazer politica nacional.

Já é ter vontade de criticar! Pois que tem isso? Tudo são modos de ver.

### Para rir

Segundo informações do «Algarve», alguns padres da capital têm celebrado missas funebres de desagravo pela secularização das capelas dos cemiterios.

Ora aqui está uma coisa que deve ser terrivel para o desenvolvimento da Republica! Até admira que, depois de tantos protestos funebres, as instituições não tenham dado á costa!

São umas joias estes padres, estes santissimos padres!..

### Jornaes

Começou a publicar-se em Gondomar *O Evolucionista*, mais um defensor do *excursionismo*.

Segundo nos consta, vai brevemente reaparecer o antigo jornal reacionario *O Petardo*, e uma nova folha jesuitico-clerical, intitulada *A Consciencia*, que se propõe defender os interesses da religião, e que em politica dará o seu apoio ao partido *excursionista*.

Significativo, não acham?

### VIDA POLITICA

## PORTUGAL LÁ FORA

Nem sempre os jornaes estrangeiros se referem injusta ou desfavoravelmente ao nosso paiz.

Jubilosamente registamos hoje nas colunas do *Heraldo* as significativas palavras de justiça que, num seu artigo, o importante jornal *Manchester Guardian*, antigo organ do partido liberal inglez, acaba de consagrar á Republica Portugueza, aos seus estadistas e ao sr. dr. Afonso Costa.

Diz o acreditado jornal:

«O destino de Portugal está hoje nas mãos do dr. Afonso Costa, chefe do Partido Radical. O nome do atual presidente do conselho de ministros da Republica Portugueza não é desconhecido na Inglaterra. No momento da revolução de outubro de 1910, os correspondentes estrangeiros, que tinham ido observar aquele acontecimento, foram unanimes em um unico ponto. E este era o reconhecimento de que o dr. Afonso Costa era não somente a força inspiradora do movimento revolucionario, como tambem o *homem forte* da nova Republica. Esta impressão foi tão intensa que, embora Afonso Costa tivesse um pouco a voga de socialista, os representantes da imprensa mais conservadora da Europa mandavam dizer que para ele se voltavam as esperanças da gente sensata de Portugal.

Seria precipitado concluir pela absoluta justiça de apreciações feitas num momento de grave commoção politica e quando certos aspectos duma individualidade impressionam profundamente os espetadores, evocando deles um juiz exageradamente elujioso sobre o carater total da pessoa. Mas é forçoso reconhecer que, durante os vinte e oito mezes em que o seu nome tem estado em vivo destaque no primeiro plano da politica portugueza, Afonso Costa não mereceu ainda ser despojado do qualificativo de *homem forte* que lhe deram aquando da proclamação da Republica Portugueza. Nesse periodo sufficientemente longo para pôr á prova uma reputação politica, Afonso Costa tem sido violentamente criticado pelos inimigos da Republica e especialmente pelos clericais, que o detestam. Os elementos conservadores do Partido Republicano não tem poupado o atual primeiro ministro. Os seus atos e as suas opiniões tem sido analisadas com impavida severidade e ha, portanto, amplo material para julgar o homem e o politico.

Parece, pois, que o governo de Portugal está nas mãos do estadista mais competente para resolver os mais urgentes problemas do momento. E toda a simpatia dos espiritos adeantados da Europa, e especialmente dos radicaes ingleses, cerca o novo ministerio organizado pelo *homem forte* do novo Portugal. A joven Republica Portugueza já tem tido durante estes dois anos varias provas positivas da simpatia com que o novo regimen de Portugal é encarado pela opinião publica da Inglaterra e pelo governo britânico.

O ministerio Afonso Costa pode estar certo de que essa simpatia e esse auxilio moral e diplomatico lhe continuarão a ser dados com a mesma lealdade e amizade com que foram dispensados aos gabinetes anteriores da Republica. E interpretando o sentimento geral dos liberaes ingleses, nós desejamos ao novo ministerio da Republica amiga e aliada o exito da sua obra de consolidação democratica. Para levar a bom fim essa tarefa, não faltam elementos ao intelligente, integro e energico republicano, que ocupa o cargo de chefe do gabinete. E esperamos que as brilhantes faculdades do sr. Afonso Costa consigam reparar, nas finanças portuguezas, cuja direcção immediata ele em boa hora assumiu, o caos nelas deixado pela administração inepta e corrupta do antigo regimen.»

### Declarações do nosso ministro em Roma

O diário officioso *Tribuna*, de Roma, inserta uma entrevista com o ministro plenipotenciario de Portugal, sr. dr. Eusebio Leão.

Nas suas declarações, este diplomata desmentiu que o governo portuguez tenha entrado em negociações com qualquer

DESFAZENDO CALUNIAS

Eis-nos enfim chegados ao termo da nossa porfida missão, que foi a de esclarecer o publico sobre as muitas atar- das e aleivosias que por ahi correram desbragadamente.

Muito mais teriamos que dizer, mas... aguardamos a oportunidade. Esta nossa atitude, que passa a ser de simples espe- rativa, não resulta da deficiência de ele- mentos, que os temos em grande quanti- dade, devidamente testemunhados, mas do justo e merecido respeito para com as cinzas da falecida e de deferencia para com o publico, que benevolamente nos tem lido e encontrado justiça. Demais, o campo da nossa acção, devia ser, como foi, prudentemente limitado ao que o sr. Soares houve, por bem ou por mal, inven- tar, para nos confundir, e desnoitear a opinião publica, ávida sempre do que se lhe afigura, bem que á primeira vista, de- maisadamente escandaloso.

O sr. Soares ao intentar uma questão assim importante, ocupando uma posição deveras subalterna e dubia, já pela má fama de que se acercava e o apoiava, de- via pelo menos escrupular na escolha dos fatos. Mas em vez de buscar a ver- dade, como base da sua acção, o sr. Soa- res, sem a minima attenção para com o publico, que o observa em todos os movi- mentos, bebeu até ás fezes a grande taça do odio mais intenso e deprimente.

Tornou-se nervoso e livido, franziu o sobrecenho, esgazeou os olhos, crispou as unhas, perdeu a tramoniã e, servin- do-se abruptamente do mais nauseante elixir que os amigos dos diabos lhe pro- porcionaram, vomitou sem peso, conta, nem medida, as maiores insolencias e as mais reconhecidas falsidades.

Mas o que mais admira, o que enche de espanto toda a gente, é que o sr. Do- mingos José Soares, enganando-se a si proprio, pegasse no vomito e, collocando o numa taça, o apresentasse aos advoga- dos, como sendo o mais genuino e re- quitado manjar até hoje conhecido.

Se é verdade que aos medicos, como aos confessores, se não deve mentir, jul- gamos que outro tanto se deve fazer para com os advogados. Dizendo-lhes a verda- de, não somente a verdade, eles depois de que deitam calculos á vida e sabem quan- to e de que modo tem que avançar. Lu- dibria-los, referindo-lhes fatos muito fa- cilmente contestaveis, é o mesmo que fornecer-lhes cartuxame sem poivora para atacar um adversario que não sente o minimo receio, por estar fortemente apoiado na razão e na justiça. O sr. Soa- res, vivamente incitado e impulsionado por meia dúzia de bandoleiros, submeteu ao parecer dos advogados, que o não co- nheciam, uma serie de monsiuosas falsi- dades.

Evidentemente, os advogados, quer fos- sem dos melhores, quer sejam dos peo- res, deveriam dar-lhe razão. Pudera! Se o sr. Soares lhe contava as coisas a seu modo! Cremos bem que, sendo verdade o que referiu, qualquer leigo lhe daria a certeza de obter fortemente o que ambi- cionava. E depois disto, num desvairame- nto louco, ufanava-se o sr. Soares da extraordinaria, e retumbante victoria que os advogados lhe haviam prometido!!! E a coisa era de tal ordem, que toda a gente supunha estar anulado o segundo tes- tamento da D. Maria Caetano de Brito Gil! Que serie de asneiras e disparates, que amontoado de sandices para ahi se fizeram correr!

É tudo para quê? Qual o motivo sobre- rano que tal determinou?

O sr. Soares, quando um dia foi posto na rua pela D. Maria Caetano de Brito Gil, tornou-se um heroe. Supomos que ainda estão na lembrança do publico os termos tristemente celebrados dessa re- tumbante e inapagavel heroicidade. Jul- gamos não ter necessidade de os relemb- rar, embora haja alguns pormenores que o mesmo publico talvez desconheça.

Dos fatos accorridos chamariam sobre- maneira a nossa attenção os que se pas- saram antes de começarmos a prestar á doente a nossa assistência medica. Por eles se veria a tensão de relações que já a esse tempo havia entre a enferma e o sr. Soares. Nem doutra forma se explica a nossa chamada e a mudança de farma- cia. E o que é que determinaria tal? A directa e immediata incomparabilidade entre ella, o medico e o farmacéutico? O sr. Soares bem deve compreender que não. Seria por insinuações da nossa parte, que a esse tempo ainda lá não entravamos?

O sr. Soares, conhecendo bem a fábula do lobo e do cordeiro, quiz vestir a pele do lobo, sem se lembrar de que toda a gente o reconheceria. Sim, nós é que, por fim, arcaríamos com as responsabilidades das aneiras que o sr. Soares praticou. Nós é que incitamos, nós é que insinuamos, e o sr. Soares, sendo a inocencia em pessoa, antes mesmo de nós entrarmos em casa da doente, provocou a saída do medico e do farmacéutico!!! Logo, nós é que temos a culpa! Nem ha dedução mais logica para um sapateiro remendão!!! Mas se a heroicidade do sr.

outro governo para a venda das colonias e demonstrou que, sendo de progressiva melhora o estado das finanças portugue- zas, não ha necessidade de alienar qual- quer porção de territorio ultramarino. Além disso, Portugal entrou numa orien- tação tendente a tirar o maior proveito possível das suas possessões africanas e asiaticas, mediante importantissimas obras que vae empreender.

O sr. dr. Eusebio Leão acrescentou que o governo do seu paiz, creando um instituto artistico em Roma, tinha a peito a intenção de estreitar os vinculos inte- lectuaes luso-italianos, e terminou dizendo confiar que se esdreitem igualmente os vinculos commerciaes, em virtude da pro- xima instituição das linhas de navegação directas italo-lusitanas que, de colabora- ção com o novo ministro plenipotenciario italiano em Lisboa, sr. Contarini, procura organizar.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

O Aldeão

Suspendeu temporariamente a sua pu- blicação este nosso presado colega de Alie, contra o qual foi apresentada que- rela em virtude do seu editorial do nume- ro 16, firmado por João de Sousa Carrus- ca.

Sentimos e fazemos votos pelo breve reaparecimento do denodado campeão do povo de Alie.

Secretario da administração

A despeito de varia intrigalhada, movi- da por certos ambiciosos, parece estar assente que vae ser nomeado secretario interino da administração do concelho de Faro, o nosso afeiçoado correligionario sr. Joaquim de Sousa Dias.

Folgamos com esta projetada nomea- ção, por vermos que com ella se satisfa- zem os principios democraticos e ao mesmo tempo se reconhecem direitos a que os tem.

O indigitado, que actualmente é ama- nuense da administração do concelho, está geralmente bem considerado, por ser um funcionario honesto e cumpridor dos seus deveres.

É o sobrinho do nosso prestigioso cor- religionario sr. Antonio de Sousa Dias, importante proprietario e dos maiores influentes politicos de S. Braz de Alpor- tel, onde todos recebem jubilosamente a nomeação.

Demolidor

Tendo como redatores os srs. João Guerreiro Moura Lapa, João Rodrigues Prudencio, Henrique do Nascimento Bar- rós e Antonio Rodrigues Alferes, vae ser publicado em Boliquiteime um semanario anti-religioso.

Muito folgamos com esta bela ideia e oxalá que os intemeratos livre-pensado- res não desanimem.

Flo de Linho

Recebemos hoje a seguinte carta do nosso incomparavel amigo e inconfundi- vel colaborador, que firma as suas pro- duções com o suggestivo pseudonimo Flo de Linho:

Meus dedicados amigos:

Tendo-me constado que por Faro se de- senvolvem casos diferentes de tratatismo politico e de outras varias coisas dignas de ser cantadas em verso, dou-lhes a grata noticia de que brevemente recuperarei o meu logar junto de vós, num cantinho do Herald, tanto mais que a respeito de admi- nistração estrangeira citadina e distrital... já vi tudo!

Algures, 17 de março.

Todo vosso Flo de Linho.

Registamos com o maximo gosto esta prazenteira noticia, que decerto alegrará os nossos milhares de leitores, porquanto as gazetilhas do inequalavel poeta Flo de Linho são apreciaveis pela sua opor- tunidade, e pelo seu espirito fino e crite- rioso.

Parabens aos nossos leitores.

Sem comentarios

Em Santiago de Cacem foi corrido um administrador de concelho que pretendia manter-se contra a vontade expressa da comissão municipal politica e do Centro Democratico.

Registamos.

Bem acompanhado

Segundo os jornaes de Lisboa, acom- panharam o sr. Antonio José de Almeida na sua viagem politica, nada menos de tres padres.

Comentando o caso, escreve o nosso presado colega o Povo, de Lisboa:

«Por isso não resta duvida de que todas as asneiras que o chefe evolucionista fizer serão benzidas e ngidas pelos inimigos da verdade e da justiça.

E ainda dizem que o partido evolucionis- ta não é um partido liberal.

Liberalissimo, e a prova disto é que uma grande parte dos seus partidarios são au- tenticos representantes das trevas e da rea- ção.»

Depois deste acompanhamento de tres padres, ainda haverá por ahi qualquer zarolho politico que se lembre de nos chamar nomes feios, por continuarmos

a galantear o illustre chefe do excursionis- mo com o epiteio de Santo?

E, aqui muito á puridade, uma viajata politica, paiz em fora, com o reforço de tres padres, será tudo o que quizerem menos uma jornada de propaganda repu- blicana.

Quando muito, e dado o tempo em que é feita a viagem do patriarca excu- sionista, com tres padres e tudo, não passa de uma procição.

E para a festança ser completa, os srs. Antonio Grânjo e Alfredo Pimenta deviam ir de anjinhos...

CONTOS E NOVELAS

A CORDA E O FERRO

Alem da pá, o balde da cal e a enxada eram os amigos do coveiro. Talvez os unicos!

Seus companheiros de longos años, naquella faina quotidiana de dar corpos á terra, haviam-se familiarizado com elle, ti- nham-se tornado os seus confidentes...

O ferro, aquele grande varão de ferro, com oito palmos de comprido e que a ferrugem comecava remordendo, em man- chas avermelhadas, era o seu dileto ajuda- nte na escavação das sepulturas.

Era elle que o aconselhava, que lhe dava o comprimento, a largura e a profun- didade das covas... e o som cavo que produzia, quando a mão calosa e terrea do coveiro o impelia para dentro do antro escancarado e que só tornaria a fechar- se sobre o caixão, era sempre para o vel- ho enterrador como uma voz meiga que lhe dissesse:

—Detem-te! Está pronta!

E este som que assim impressionava os ouvidos do coveiro, ouvia-o elle havia trinta años.

Ouvira-o por todo a vasta extensão do cemiterio, no fim das arduas tarefas dia- rias, apóz longo trabalho, corpo curvado á terra, enxada na mão... suor a cair... a cair...

Juntos, o coveiro escavando a terra, a construir derradeiras moradas, e o ferro a dizer-lhe quando estavam concluidas, tinham corrido, passo a passo, todo o Campo Santo!

A corda, uma corda de linho, escura e sebenta, cheia de nós e com dois ganchos de ferrô nas extremidades, tambem o acompanhára... tambem... mas mais tarde.

Era com o auxilio dela que se enchiam as sepulturas. Era ella que o ajudava a depôr; lá no fundo escuro e humido das covas, os caixões de lhamas reluzentes...

Ao entardecer, terminados os enterra- mentos, era sempre com reconhecimento e ternura que o velho coveiro, de faces enrugadas, cabelo crespo e arruivado,—a lembrar pela cor as folhas espinhentas dos cardos do caminho, mortos apóz as grandes soalheiras e que o pó vae pouco a pouco amortalhando na sua brancura;—olhava os seus companheiros de traba- lho.

E ás vezes, numa grande quietação de espirito, cigarro ao canto da boca, senta- do sobre uma campa, proximo da porta, o coveiro, atravez das baforadas azues do fumo, filosofava...

E dava-lhe, quasi sempre, para calcular o numero de enterramentos que ti- nham feito... os tres: elle, o ferro e a corda... numero imenso... incalculavel... trinta años! Trinta longos años a estercar aqueles talhões incultos!

Lembravam-lhe, então, as diversas ex- pressões dos milhares de defuntos que sepultara...

Recordava-se bem que, ao comecar aquella sua vida triste de enterrador, a feição dos primeiros mortos a quem tive- ra de dar a sepultura, como que se lhe estampára na memoria, causando-lhe, á noite, máus sonhos, pezaelos em que via espectros lividos, muito lividos, olhos pa- rados e coruscantes, como pedras preciosas feridas pelo sol em cintilações de braza, e puxa-lo com as suas mãos mirradas, dedos em feitto de garras aduncas, ten- tando arrasta-lo com elles lá para baixo... para o escuro fundo dos covaes!

Depois afizera-se áquilo.

Viera a resignação... a indiferença...

Agora olhava para um morto como para um vivo e menos lhe importavam os pen- samentos dos homens que a corda e o ferro.

Amava aqueles dois inanimados com- panheiros das suas fadigas com um afeto profundo... fraternal...

E filosofava... filosofava, contemplan- do-os, ao cair da tarde, como se conver- sasse com dois velhos amigos.

A mão inexoravel da Morte arrebatou ha tempos o velho coveiro, obrigando-o por sua vez a descançar daquella penosa faina...

Como que em derradeira homenagem foi tambem o varão de ferro—aquele lon- go varão em que a ferrugem poz manchas arruivadas, que lhe delimitou a cova; e

a corda—aquella velba corda cheia de nós;—foi que o ajudou a deitar-se lá em baixo, dentro do caixão tosco, no fundo da sepultura...

Agora, ás tardes, já não ha quem pare- ça conversar com aqueles funebres ape- trechos.

O coveiro, amigo deles, partiu... eles ficaram...

Ficaram porque a sua destruição deve naturalmente fazer-se pouco a pouco, á luz do sol e aos rigores do tempo e especial- mente porque a sua missão não findou ainda!

Lyster Franco.

TABACARIA SABATH

Com esta designação comercial, abriu ha dias ao publico de Faro, na rua das Lojas, uma linda Havana, primorosamente mon- tada, que é sem duvida um dos mais belos estabelecimentos desta cidade.

Felicitemos o seu proprietario.

POETAS

ECOS DA ANDALUZIA

Por ter de ti mil agravos Hei de mandar-te prender... Na cadeia dos meus braços, O prenda da minha vida!

Entre as nossas duas bocas Um arrinho quiz passar, Mas achou tão pouco espaço, Amor do meu coração!

Mais ditosos do que eu sou, Aié meus suspiros são; Vão ter onde estás... e eu fico, Soledade, ai, Soledade!

Em segredo, a uma pedra, Fui contar os meus cuidados; Imagina o que lhe disse. Soledade, ai, mal de mim!

Por um olhar dava o mundo, Por um riso a luz do dia, Por um beijo... eu já nem sei, O prenda da minha vida!

Dá-me penas, meu amor, E cuidados, muita vez; Dá-me tudo o que quizeres, Amor do meu coração!

Esses teus olhos, moreno, Teem um olhar deshumano; Pois matam mais n'um minuto, O delicias da minha alma!

FERNANDES COSTA.

Sanchez Gallardo

Em principio do mez passado, os jor- naes reaccionarios portuguezes, transcre- veram e comentaram amplamente a se- guinte local inserta nos periodicos monar- quistas do paiz vizinho:

Anarquistas detidos

Ha tempo que a policia vigiava um indi- viduo suspeito de anarquista, que tinha au- dado a visitar alguns centros mineiros.

O tenente coronel da guarda civil, sr. Manchón, secundando habilmente as ins- truições do governador civil, sr. Nido Segaler- vá; saiu esta madrugada a cavallo em dire- ção a S. João do Pusto.

Abi deteve o citado individuo, que se preparava para tomar o comboio de Sevil- ha.

O detido chama-se Francisco Sanchez Gal- lardo, de quarenta años de idade e natu- ral de Barcelona.

Intitula-se professor da Escola Reaciona- lista de Ferrer, e encontraram-se-lhe docu- mentos que o comprometem.

Diz-se que declarou que se propunha ma- tar o sr. Maura antes do dia cinco do cor- rente.

Em Almonte tambem foram detidos, pelo alcaide outros dois individuos, companheiros de Francisco Sanchez Gallardo, os quaes in- tentavam passar á Portugal.

Estes chamam-se Emilio Barrer López, na- tural de Sepúlveda (Segovia), e Antonio Oliveira, portuguez.

Ambos declaram fugir ás perseguições do governo hespanhol.

Foram-lhes encontradas cartas firmadas pelo Sanchez Gallardo para o governador civil de Beja pedindo-lhe que os ampara- se por solidariedade pró revolução hespanhó- la (textual).

O governador civil de Huelva deu conta ao governo destas prisões ás quaes se liga muita impuntancia.

A cerca do que fica transcrito, bordaram os jornaes monarchicos do paiz e do estrangeiro as mais irritantes e despropositadas considerações, chegando os seus dislates ao ponto de concluir que em Portugal se estava organizando com todo o entusiasmo uma revolução para derrubar o regimeu monarchico em Hespanha!

Não podendo comprovar taes atoardas, entenderam os periodicos monarchistas fa-

zer um prudente silencio sobre o assunto e não mais voltaram a occupar-se dele.

Depois de terem feito correr mudo a ru- manesca noticia de que o professor Sanchez Gallardo regressava a Sevilha propo- sitadamente para executar Antonio Maura, que por sinal estava em Madrid, entende- ram os reaccionarios que deviam aproveitar o ensejo para iniciarem uma campanha em forma contra os republicanos portuguezes e contra os livres pensadores e propagandis- tas dos ideaes áttinentes á conquista do bem geral, apresentando-os como cúmplices de assassinos e ladrões.

Tudo disparates e atoardas. Ora a verdade é que Sanchez Gallardo, que é uma vitima dos reaccionarios hespa- nhóes, regressava a Barcelona com o unico intuito de buscar o aconchego de um lar onde o esperava uma companheira dedica- da e amantissima e duma filha de 12 años, linda e meiga, que há muito não estreita em seus braços, visto andar homizi- do desde a semana tragica.

Tendo-se apresentado na Redação do He- raldo e conferenciado largo tempo com o nosso director sr. Lyster Franco, a quem vi- nha particularmente recomendado, Sanchez Gallardo mostrou, é certo, ser um inteme- rato propagandista dos grandes ideaes que pretendem a emancipação da humanidade e a conquista do bem comm, mas evidenciou tambem pertencer a elle anarquista consti- tuída pelos que pensam e pretendem des- truir a sociedade actual, não pela chamada propaganda pelo fato, já posta da parte por contra producente e inutil, mas sim pela força racional e humanitaria de uma argu- mentação bem orientada e ampla.

Em vez de bombas e de punhas, livros e lições, mas lições explicadas pelo metodo racionalista: eis os meios da actual propaganda que só deve merecer respeito e veneração a quantos se interessam pelos progressos da Humanidade.

Tendo sabido pelos jornaes, da detençaõ de Sanchez Gallardo, o que deveras nos pen- alisou, não mais nos chegaram noticias suas.

Hontem, porém, foi recebida nesta redac- ção a seguinte carta:

Meu caro amigo e correligio- nario Lyster Franco:

É meu desejo que ao receber desta se encontre de saude bem como o seu amigo o dr. advogado João Pedro de Sousa.

En fiço bem, presentemente, e outra vez processado.

Participo-lhe que quando cheguei á fron- teira hespanhola, em Huelva, fui denuncia- do por um monarchico portuguez que com o disfarce de companheiro se me apresen- tára em Almonte dizendo-se perseguido pela reacção hespanhola.

Eu, por espirito de solidariedade, reco- mendei-o ás autoridades da Republica Por- tugueza, dando-lhe para isso uma carta di- rigida ao governador civil de Beja, meu amigo.

Quando cheguei a Huelva fui preso pela guarda civil como suposto autor da perpe- tração da morte de Maura e por isso pro- cessado.

Fui preso em liberdade temporaria e pe- rante o temor de uma sentença quando se julgue a causa, acolhi-me a Tanger, cidade internacional.

A minha prisão em Huelva foi motivada pela falsa imputação que sobre mim fez o monarchico disfarçado em correligionario, ao alcaide de Almonte, a quem entregou a minha carta.

Peço-lhe, meu caro amigo, que em vista deste desgraçado successo motivado por um portuguez traidor á causa da Republica e em vista do abandono em que vivo neste paiz moiro, participe o meu caso aos seus cor- religionarios de Faro (republicanos demo- craticos) a fim de que me auxiliem quanto em suas forças possam.

Careço do mais necessario e dirmo presentemente *num fundah*, estrebearia moiral

O meu amigo já sabe que eu sou o pro- fessor racionalista da Escola «Moderna», que lhe fui recomendado pelo seu amigo Olivei- ra de Almeida, director do periodico O Por- tugal—onde escrevi um artigo acerca do en- sino racionalista.

Esperando auxilio dos meus queridos irmãos pelo espirito de solidariedade, abra- ço-o o seu amigo

Francisco Sanchez Gallardo Professor

Publicando esta carta do infeliz exilado de Tanger, e um dos mais dedicados continuadores da obra de Ferrer, esta- mos certos de que o nosso amigo não apelará em vão para o espirito da solida- riedade de todos os republicanos portu- guezes.

Na redação do Herald, aceitamos desde já quaesquer donativos a favor do perseguido pelos reaccionarios hespanhóes, ao qual estamos certos de que brevemente se fará justiça.

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOCADO

ESCRITORIOS (Rua de Santo Antonio, 6

Largo 1.º de Dezembro, 27

Morada—R. do Pé da Cruz, 16

FARO

Soares foi grande nesse momento não se tornou menos viva e menos espantosa depois, ocupando a falsa situação de uma criatura lançada à margem. Tendo-lhe a D. Maria Caetano de Brito Gil retirado a confiança, escorçando-o de sua própria casa, o sr. Soares, se tivesse dignidade nem devia mexer na questão, porque de modo algum devia aspirar àquilo a que não tinha direito. Mas o reboliço, se foi grande, como torrente caudalosa e de temporal, passou rápido, para hoje deixar no espirito de quem conhece o sr. Soares, mais uma triste nota das suas já tão celebradas virtudes.

Nem outra coisa era de esperar, desde que o sr. Soares poz ao seu serviço um amontoado das mais torpes mentiras. Temos-lhe aqui rebatido todos, absolutamente todos os argumentos que contra nós apresentou. Nenhum deles ficou de pé, pela simples razão de todos serem falsos. Para os refutar, demos todas as provas. Ainda mais, querendo nós pôr a questão à luz da publicidade, arrancando-a ao nefando misterio que tanto convém aos morgueiros e toupeiras, novamente vimos desanhar o sr. Soares, ou alguém por ele, a que nos venha contestar a veracidade dos fatos, taes quaes os temos exposto. Sentese o sr. Soares com forças para intentar a questão? Sendo assim, nada mais facil do que contradizer-nos.

Se não tem elementos para isso, se lhe falham os calculos e tem de engulir o que para fóra deitou, então é melhor pôr de lado esses ridiculos exhibicionismos.

Resta-nos a consolação de ver contra nós, numa campanha de moralidade, os dois mais conhecidos immoralões do termo de Tavira. Se for necessária a prova, não somos nós quem a apresenta, mas são os proprios que a justificam reciprocamente. O que um do outro disseram! As infamias que se atribuíram um ao outro e as suas respectivas familias! E agora: abraçam-se e beijam-se, naancia do interesse comum! E' essa a nossa maior satisfação.

Para que da mente do publico desapareçam os maus juizos que o mesmo publico está fazendo das tortuosas intenções e manigancias em que a questão se baseia, torna-se necessario que o sr. Soares nos venha quanto antes rebater os fatos, conforme os descrevemos. Dará assim uma prova da sua quasi boa fé e elucidará os advogados, aos quaes ludibriou indecorosamente. Mostrará desprezar o segredo e a mentira que julgou serem as melhores armas de combate. Venha e venha depressa, pois em cada dia que passa vai perdendo o terreno que supunha conquistado. E' preciso ter presente que o publico não gosta de mysterios, momente quando deles se serve um homem da alta moralidade do sr. Soares.

Se, expondo a verdade, os advogados o mandarem pentear macacos, então encolha as garras e trate da sua vida. Lutar, por lutar; lutar só por birra é rematada loucura. E' este um preceito social de todos conhecido. Venha, pois, justificar-se o sr. Soares, ou alguém em seu nome. Venha expôr toda a verdade. E esta, hem que lhe custe e contrariamente ao que já afirmou, só a expressará quando disser que:

1.º Quando começamos a nossa assistencia medica, já a D. Maria Caetano de Brito Gil tinha queixas profundas do sr. Soares;

2.º A mudança do medico e farmaceutico só resultou das desconfianças que a doente nutria para com o sr. Soares;

3.º Não fomos tratar a enferma quando o medico assistente saiu da terra e o sr. Soares e esposa estavam em Lisboa;

4.º Fomos chamados e instados duas vezes pelo sr. Soares, para só nos resolvermos quando pela terceira vez nos veiu chamar o sr. José Antonio de Lima;

5.º Não nos insinuamos no espirito da doente para ela ir tratar-se na Casa de Saude e só do caso tomámos conhecimento quando já de todos era sabido;

6.º Não fomos nós quem levou a doente a fazer novo testamento, derivando este tão somente dos destemperos e ameaças do sr. Soares para com ela e para com quem a cercava;

7.º Quando partiu para a Casa de Saude, já levava o firme proposito de o desherdar;

8.º Não obedecia a outro fim o fato da doente o mandar pôr fóra da sua casa no largo da Alagoa;

9.º Nessa altura já o sr. Soares a ameaçava de levantar questão com os herdeiros;

10.º Essas ameaças começaram a desanhar-se quando o sr. Soares foi posto na rua, na Conceição;

11.º A doente geriu sempre os negocios da sua casa;

12.º Assinou nove documentos officiaes em que sempre intervieram os notarios ou seus ajudantes, trinta testemunhas e os respectivos interessados;

13.º Por estes fatos se vê que a D. Maria Caetano de Brito Gil não era uma senhora sem vontade propria e de espirito franco;

14.º Estes defeitos só o sr. Soares os reconhece quando lhe convém;

15.º Não eramos assistente da enferma, quando ela desherdou o sr. Soares;

16.º Não estávamos presente, quando em 19 de agosto passado ela assinou o testamento;

17.º A nossa carta, já publicada, não

significou a mais leve imposição, mas foi tão somente uma simples proposta;

18.º Nessa carta até pedimos a doente que nos considerasse um estranho;

19.º Declaramos que de modo nenhum nos zangariamos, se a D. Maria Caetano de Brito Gil nos dissesse que não;

20.º As clausulas da proposta não tem nada de deshonroso;

21.º Por escrito manifestámos o direito que aos herdeiros assiste de questionar;

22.º A doente não experimentou melhoras na Casa de Saude;

23.º Só de lá saiu quando muito bem quiz e já o tinha determinado;

24.º O que está no testamento é a pura expressão da vontade da testadora;

25.º As queixas que lá apresenta do sr. Soares, a muitas pessoas as havia já apresentado;

26.º O sr. Soares foi posto na rua e desherdado por varios motivos assaz ponderosos;

27.º A doente fez algumas acusações cara á cara, ao sr. Soares e sua esposa;

28.º Não se explica a recusa obstinada do sr. Soares em não apresentar as contas, que varias vezes lhe tinham sido pedidas;

29.º Ninguém podia dizer nada a respeito do que se continha no testamento cerrado;

30.º A doente nunca apresentou motivos de queixa para comnosco;

31.º Sempre nos estimou e desejou a seu lado;

32.º Depois de vir de Lisboa, confessou já estar aliviada, em vista do que havia feito;

33.º O assentimento expresso e publico do que tinha feito, foi bem patente quando o sr. Joaquim Neves lhe leu uma copia da escriptura;

34.º A boa vontade da doente para com o sr. Soares foi por ultimo revelada na procuração que passou para lhe exigirem judicialmente as contas;

35.º As suas determinações foram sempre no sentido de não deixarem entrar no seu quarto o sr. Soares e sua esposa;

36.º Essas mesmas ordens as havia ela dado na Casa de Saude;

O rosario seria interminavel e exigir mais era sobretudo um compromisso para o sr. Soares. Isto é bastante.

Se tem alguma coisa que refutar, visto que taes afirmações lhe deitam por terra os castelos que formara, venha fazelo, para que toda a gente lhe conheça as intenções. Se nada tem a contradizer-nos, então procure os seus advogados, apresente-lhes os fatos como se referem e como se podem comprovar por documentos e testemunhas, e verá o que os mesmos advogados lhe dizem... se o não quizerem explorar.

Tavira, 18 de Março de 1913.

Antonio Francisco de Sousa

POR ESSE ALGARVE

Almancil

Foram a Beja os nossos estimaveis amigos srs. Francisco Xavier Leal Junior, José Guerreiro da Angela e Manuel Guerreiro Cristovão.

—Encontra-se muito doente com uma terrivel meningite a sr.ª O. Inacia Espadinha Ricardo, esposa do nosso correligionario sr. Ricardo José Barbara, de Pereiras.

—Afirm de a visitar, passou por aqui o nosso correligionario e amigo sr. dr. Candido Emilio de Sousa, doutor clinico, de Faro.

—Continua gravemente enfermo o nosso amigo sr. Joaquim Isidoro, que ha dias foi agredido com uma paulada.

—Estiveram aqui os nossos correligionarios srs. João Guerreiro Moura Lapa, João Rodrigues Prudencia e Antonio de Sousa Palma, de Boliqueime, que vieram visitar o nosso amigo sr. Cristovão de Sousa Junior.

—Esteve tambem aqui o nosso velho amigo sr. Joaquim Mendes Pinto Junior, de Santa Barbara de Nexe.

—Consta-nos que vem por estes dias a esta importante freguezia o nosso dedicado amigo sr. dr. João Pedro de Sousa. Os seus inumeros correligionarios congratulam-se com esta visita.

Estol

Foi grande o numero de forasteiros que nos visitaram no ultimo domingo; entre eles lembra-nos ter visto os srs. Antonio Dias Saubco, Manuel Martios Caiado, Jaime Ruivo e José Madeira, de Faro.

Tambem vimos aqui acompanhado de sua esposa e filhas o capitão-tenente sr. Joaquim Mendes Cabeças, a sr.ª D. Mariana de Paula Brito Pacheco e suas interessantes filhas, o sr. Azinheira, professor da escola distrital de Faro, acompanhado de sua esposa e filha, O. Idalina Azinheira, tambem professora oficial nessa cidade, a sr.ª D. Maria José Moreno, professora oficial da Conceição de Faro e o sr. Carlos Lopes, professor oficial em Olhão.

—Encontra-se na sua magnifica vivenda o sr. visconde de Estoi.

—Afirm de passar a festa da Pascoa, encontra-se a esta freguezia a sr.ª O. Maria Rita Palmeiro, acompanhada de sua filha e filho, o sr. padre José Martins Palmeiro.

—De visita a seu irmão o sr. Antonio Afonso Lopes, conceituado farmaceutico nesta localidade, esteve aqui a sr.ª D. Lucia Herminia Lopes, acompanhada de sua interessante sobrinha.

—Afirm de visitarem sua filha e seu genro, o nosso dedicado correligionario sr. Na-

nel Rodrigues Corvo, estão entre nós o sr. José Pires Cabrita e sua esposa, abastados proprietarios em Santo Estevam.

—Acompahado de sua esposa e filhas, foi passar as ferias a Santo Estevam, o nosso prezado correligionario sr. Verissimo Manuel Martins, digno professor oficial desta freguezia.

—Os lavradores estão contentissimos pela ultima chnva que muito beneficiou os campos.

Portimão

Revestiu grande luzimento a Festa da Arvore nesta laboriosa vila.

Erão cerca de tres horas quando começou a desfilar o imponente cortejo civico, organizado junto dos passos do concelho e em que se incorporaram as autoridades, funcionalismo local e muitas pessoas de representação, creanças das escolas officiaes e particulares e respetivo professorado e uma banda de musica.

O cortejo percorreu as principaes ruas da vila, todas elas compactas de povo, que saudava entusiasticamente as creanças, dirigindo-se por fim para o jardim publico, onde foram plantadas uma ameadoeira e uma nespereira, fazendo uso da palavra os dedicados republicanos cidadão João Francisco Leite, digno tesoureiro da fazenda publica e Julião Quintilha, ilustre administrador deste concelho, os quaes, em frases elevadas e conceituosas enalteciram a significação de tão importante festa civica, sendo calorosamente applaudidos.

Em seguida, a menina Hermenegilda Gloria de Oliveira, uma das mais geitias alunas da distinta professora sr.ª D. Maria da Apresentação Negrão, leu primorosamente o seguinte discurso:

Quem sabe muitas historias e contos des ses com que as nossas avozinhas costumam entreter-nos durante as longas noites de inverno, ha de certamente recordar-se de que as arvores representam um grande papel nessas historias.

E' sempre nos bosques, á sombra das arvores frondosas que decorrem lidas as cenas de encantamento e de magia.

E' dehaixo das suas copas sombrias, que surgem as fadas, que occultam os tesouros e que se realizam os prodigios.

Por isso os bosques são sempre mysteriosos, tem seus canticos, exalam suas queixas, proferem suas ameaças e prorrompem em accents de colera, tal qual como poderia fazerlo um exercito de gigantes!

Por mais rebeldes que sejamos ao dominio da fantasia, sempre que nos encontramos no meio de um bosque cremos ver e ouvir mil coisas extraphas e singulares.

Os objetos engrandecem-se, os ecos alteram-se e impera por toda a parte como que o inefavel poder do desconhecido e do sublime.

Contudo em presença das arvores devemos afastar do nosso espirito todos esses terrores supersticiosos e lembrarmos-nos de que elas são as mais dedicadas e desinteressadas amigas da humanidade, que sempre tem auxiliado com os seus inumeraveis recursos.

São elas que nos fornecem a madeira para a construção das nossas casas e para todo o mobiliario de que carecemos.

Elas nos dão as tabuas para o berço onde dormimos os sonhos da nossa infancia e são elas, sempre dedicadas amigas, que nos fornecem e leito em que, obedecendo á lei fatal da existencia, vamos por fim adormecer ao terminar do nosso labor sobre a terra.

Acompanhando o homem, desde o seu nascimento até á sua morte, as arvores dão-lhe as suas flores, os seus frutos e a sua madeira, dão-lhe a tranquillidade e a paz que, tomhando da sua folhagem, parece deramar-se no solo e dão-lhe tambem o mais relevante e carinhoso exemplo de confraternização, visto que a ninguém sabem negar seus beneficios.

Se a flor é a formosura das arvores, o fruto é a sua riqueza, e elas dão os seus frutos a toda a gente.

Para evidenciar quanto tem sido importante o concurso das arvores no desenvolvimento e progresso da nossa querida Patria, bastará recordar que foram elas que nos forneceram a madeira para a construção dos caravelas em que nossos audazes navegadores descobriram os mais remotos pontos do Muudo, e que foi devido a uma arvore cuja madeira era cor de braza que Pedro Alvares Cabral e os seus valorosos companheiros deram o nome de Brazil á grande Republica America do Sul que, tendo a nossa mesma lingua, os nossos usos e os nossos costumes, é como que a continuação da nossa Patria.

Honremos, pois, sempre as arvores, não as maltratemos, lembremo-nos dos inumeros beneficios que elas nos dispensam e sejamos sempre reconhecidos, gratos e dedicados a essas grandes benfeitoras da humanidade.

A este discurso, que foi muitissimo aplaudido pelo gracioso entono patriotico em que foi proferido, seguiu-se um interessante dialogo por dois dos mais distintos alunos da conceituada professora sr.ª D. Barbara de Almeida Cruz, que tambem foram muito applaudidos.

Durante a cerimonia da plantação da arvore nas creanças das escolas officiaes cantaram primorosamente o Hino da Arvore e a Portugueza.

Um bravo ao dedicadissimo ensaiador da petizada, que tão proficientemente se de-

SAPATARIA DA MODA

DE

José Vicente dos Santos

Grandioso sortimento de calçado em todos os generos e qualidades, e demais artigos respeitantes á sua arte

Modelos chics de inexcédível bom gosto. Suprema elegancia e barateza Esmerada confeção e bom acabamento

Rua do Santo Antonio, 48, 48, A.

FARO

sempenhou da sua difficilissima tarefa e um bravo tambem ao nosso velho amigo cidadão Antonio do Carmo Provisório, simpatico empregario do Salão Portimonense, que com a sua costumada gentileza, poz á disposição da comissão dos festejos a sua bela casa de espetaculos, onde se realizou uma brilhante sessão animatografica dedicada ás creanças, ás quaes foram distribuidos hulos e doces.

O aspeto da sala era deslambriante e indisciplinavel o entusiasmo das creanças.

Ao começar o espetaculo o nosso prezado amigo sr. Julião Quintilha levantou um viva á Republica infantil e ao Algarve, sendo calorosamente correspondido pelas creanças que não se cansavam de cantar a Portugueza e o Hino da Arvore e de soltar vivas á Patria e á Republica.

A comissão da Festa da Arvore nesta vila, que tão brilhantemente soube realizar a patriotica iniciativa do ilustre senador dr. José de Castro e do Seculo Agricola, compunha-se, além das distintas professoras officiaes, sr.ª D. Maria da Apresentação Negrão e O. Barbara de Almeida Cruz, dos dedicados e prestimosos republicanos srs. Antonio Oias Cordeiro, Antonio Teixeira Bker, Francisco Duarte, Gualdino Pires, João Francisco Leão e Pedroso de Lima, sendo dignos dos maiores eucumios pelo brilhantismo que deram a tão significatica manifestação civica.

—Promovida pela benemerita Associação dos soldados, desta vila, realizou-se aqui no ultimo domingo um hodo aos pobres.

A este ato que foi extraordinariamente concorrido, assistiram os representantes das varias coletividades operarias com seus estandartes e insignias.

E' louvavel e altamente simpatica a iniciativa da benemerita Associação dos Soldados; felicitamos os promotores do hodo.

Aguardam-se com muito interesse as noticias relativas aos implicados no chamado complot do Algarve e que estão sendo julgados no tribunal marcial de Lisboa.

NOTICIARIO

No proximo sabado, dia 22, realiza-se uma reunião familiar no Club Farense.

—Vimos nesta cidade o sr. Julio Batista de Oliveira, nosso estimado assinante.

—Afirm de visitar sua mãe, que se encontra perigosamente enferma, partiu no domingo para Lisboa o sr. Francisco Portela da Silva, digno inspetor escolar do circulo de Faro.

—Deram-nos o prazer da sua visita os nossos amigos e correligionarios srs. Antonio de Sousa Dias, Antonio Lopes Rosa e José Oias Rosa, de S. Braz, José da Encarnação Vieira, de Santa Barbara, e Cristovam de Sousa Junior, de Almancil.

—Encontra-se já em Faro, transferido da Povoia de Lanhoso, o nosso dedicado amigo sr. José Domingos Lopes, revolucionario civil e presentemente fiscal dos impostos.

—Afirm de tomar posse do logar para que recentemente foi nomeado, parte hoje para Lisboa o nosso amigo e correligionario sr. Lazaro Parreira de Oliveira, brioso sargento de infantaria 4.

—Acompanhado de sua esposa, esteve em Faro o nosso amigo sr. dr. Candido Guerreiro, presidente da camara de Loulé.

—Regressou de Lisboa o sr. Abraham de Aheassis Sabath.

—Esleve em Faro o nosso estimado amigo sr. Eduardo da Conceição Lopes.

—Afirm de prestar serviço na costa do Algarve, chegou á nossa ria a canhoneira Ibo.

—Partiu para Lisboa o sr. João Brito Macedo, primeiro-sargento da armada.

CARTEIRA

Fazem anos:

Annho, 20 — D. Maria do Carmo Neto, D. Carlota Coelho Ribeiro, O. Alice Vieira Mendes, D. Maria Ruivo, O. Augusta da Silva Ferreira, José Antonio Viegas, Manuel Francisco Marques, José Carlos Ferreira Barros e José Alvaro Teixeira.

Sexta, 21 — O. Angela de Sousa Pinheiro, D. Elisa de Almeida Soares, O. Mariana Otegraria Malos, D. Clarisse da Conceição Borges, Vicenta Jacuario Lopes, Antonio Jorge Marques, Pedro Lazaro da Costa, Manuel José Gonçalves, Patricio Gabriel de Oliveira e o meocio João Marinho Simplício.

Sabado, 22 — D. Maria do Carmo Pinto, O. Elvira da Cruz Moura, O. Luiza Antonia Mendes, D. Maria Am-

lia Pereira, D. Manoela da Silva Bandoira de Melo, Casimiro Otonisio Alves, Manuel Amancio Costa, João Pedro Bomba, Isacio Filipe Marrairos e João Manuel Fonseca.

Casamento:

Realizou-se nesta cidade, no dia 12 do corrente, e registo civil do casamento do nosso amigo e correligionario sr. João Rodrigues Pontes com a sr.ª D. Ludovina Neves. Testemunharam o ato o sr. José Cristostomo Sales Grande, com procuração do sr. José Galbu, importante lavrador de Alentejo, e a sr.ª D. Maria Rosa Soares Dias. Assistiram a sr.ª O. Ermelinda Rosario Dias e os srs. Casimiro Dias e Antonio Faixa. Apresentamos aos noivos as nossas cordesas felicitações.

Nascimento:

No dia 15 do corrente, deu a luz, com muita felicidade, uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Alice Barroso Conde, esposa do nosso amigo sr. Jordão Cansado Conde. As nossas felicitações.

Doentes:

Ha dias que se encontra doente, de cama, o sr. dr. Folciano Santos, digno comissario de policia.

—Está bastante doente em Estoi, o sr. Joaquim Rodrigues Carrajola, esposo da sr.ª D. Amelia Silva Carrajola.

Necrologia:

Após prolongado e doloroso sofrimento, faleceu em Faro o sr. José Diogo da Silva Soares, digno official de governo civil deste distrito.

Era exornador chefe da familia e funcionario probo e cumpridor.

A sua esposa, e sr.ª D. Maria da Piedade da Cunha Soares e a sua filha a sr.ª O. Alice da Cunha Soares apresentamos os nossos sentidos pezames.

Motorciclete

Vende-se uma da acreditada marca Peugeot, de 2 1/2 H. P. com magnete e 2 cylindros, em bom estado, tendo novos os protetores e as camaras de ar.

Trata-se com Manuel Ferreira, na Praça dos Restauradores, 27, em Lisboa, ou com Antonio Fonseca, em Tavira.

FABULAS

—POR—

JOSÉ AGOSTINHO

E' o livro XIII da Biblioteca das Creanças, que reaparece em 2.ª edição, refundido e com uma bonita capa e muitas gravuras.

Eis o indice deste belo livrinho de Fabulas:

PREFACIO: ás creanças—A ADÉLHA E A MOSCA—A ROSA E A VIOLETA—O GATO E OS RATOS—OS NOTS CÃES—O PORCO E O ROUXINOL—OS PASSARINHOS—O LOBO E O CARNEIRO—O GATO E OS PASSARINHOS—AS FURMIGAS E A ARANHA—A CADELINHA E O FILHO—OS CÃES E O LOBO—O BURRO VAIDOSO—O CACHORRINHO LEVIANO—A GALINHA FIDALGA—O BURRO VESTIDO DE LOBO—O PINTASILGO—O CÃO VAIDOSO—A FIMBA VAIDOSA—O CÃO CEGO—O GALO DESCUIDADO.

O livro tem 36 páginas e custa apenas 100 réis.

LIVRARIA PORTUGUESE

—DE—

Lopes & Comp.ª — PORTO

CANDIDO DE SOUSA

Fundado pela Escola de Lisboa e com os cursos especificos de Higienae, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças dos olhos, boca e dentes Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS, EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6 FARO

